
TOSCHI, M. S. (Org.). *Docência nos ambientes virtuais de aprendizagem: múltiplas visões*. Anápolis: Ed. UEG, 2013. 290 p.

YARA OLIVEIRA E SILVA
Universidade Estadual de Goiás, Itumbiara, Goiás, Brasil

O livro organizado pela professora doutora Mirza Seabra Toschi (UEG-MIELT e coordenadora da REPPID-FAPEG), pesquisadora que vem se dedicando aos estudos sobre educação a distância, foi publicado em 2013 pela editora da UEG, com o apoio financeiro da Capes, e é leitura obrigatória para estudantes, pesquisadores e demais interessados que pretendam compreender a educação a distância (EAD) em suas várias vertentes.

Ao longo de suas 290 páginas, o livro reúne 11 artigos resultantes dos estudos realizados pelo grupo de pesquisa cadastrado no CNPQ Formação de Professores e Saberes Pedagógicos e da Rede Goiana de Pesquisa em Política Pública e Inclusão Digital (REPPID-FAPEG). É uma leitura que enriquece o acervo bibliográfico dos interessados pela EAD.

Como o próprio título sugere, realmente são múltiplas visões que se entrelaçam construindo uma rede de significados que, certamente, despertará o interesse e contribuirá para com as atuais discussões e pesquisas sobre EAD. Os textos conduzem à reflexão sobre a educação a distância num amplo sentido, abrangendo as políticas públicas, o uso de tecnologias, a didática e metodologia de ensino, a organização dos ambientes virtuais de aprendizagem, incluindo sua arquitetura e relatos de pesquisa com apresentação de resultados sobre as diversas formas de fazer educação a distância.

O primeiro texto da autora Mirza Seabra Toschi (MIELT-UEG), que é organizadora do livro, apresenta as “Políticas de EAD – limites e perspectivas”. Além da regulamentação da EAD, a autora apresenta as perspectivas criadas a partir do Projeto de Lei n. 8.035/2010 e do Plano Nacional de Educação 2011-2020. Parte desse artigo é destinada a apresentar a Universidade Aberta do Brasil (UAB), entendida como uma das estratégias para democratizar o acesso ao ensino superior. Mas, como ressalta Toschi, não basta apenas o acesso; faz-se necessária a garantia da formação oferecida pelos cursos. A

autora apresenta limites e desafios da EAD. Na categoria de limites, aborda a questão pedagógica, muito mais complexa do que a de acesso a recursos tecnológicos. Outro limite está na questão econômica: para desenvolver e manter cursos EAD, os investimentos são muito altos. Soma-se a isso o terceiro limite: a falta de reconhecimento e de políticas salariais aos profissionais que trabalham com EAD, que são menos valorizados que os professores do ensino presencial. Outro agravante é que, geralmente, esses profissionais não possuem vínculos empregatícios. Finalizando, Toschi fala de perspectivas e potencialidades e assevera que, além de implementação de políticas públicas, há de se visualizar que, sendo uma realidade, a EAD não se limite apenas à burocratização, mas proporcione formação de qualidade em nível superior.

No texto “As políticas e financiamento do ensino superior e as condições do trabalho docente a distância”, as pesquisadoras Daniela da Costa Britto Pereira Lima (UFG, UEG, UFRJ), Juliana Guimarães Faria (UFG) e Mônica Desidério (PPED/UFRJ, CDTS/Fiocruz e INCT/PPED) discutem as questões envolvidas nas políticas de financiamento da educação a distância. As autoras apresentam nesse estudo relatórios do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), do Fórum Nacional de Educação Superior no Brasil, do Reuni, Prouni, Fies. Esse pano de fundo possibilita analisar a criação da UAB e as condições de trabalho de seus profissionais. Por meio de gráficos elaborados pelas autoras, a partir de dados disponíveis no Censo/Inep, mostra-se a evolução do número de matrículas, orçamento da UAB, além de um quadro demonstrativo contendo o valor de pagamento de bolsas para a equipe que integra o sistema UAB, sendo coordenadores, professor/pesquisador e tutores. Esse texto apresenta os problemas que podem ser gerados devido à falta de institucionalização da UAB, principalmente quando se discute a profissionalização.

O terceiro artigo é da pesquisadora Andréa Kochhann (UEG), intitulado “Estilos de aprendizagem em educação a distância: conceituação e implicações didático-pedagógicas”. A autora destaca os diferentes estilos de aprendizagem, tendo como recorte metodológico para pesquisa empírica a análise de 289 mensagens eletrônicas trocadas entre participantes da rede de estilos de aprendizagem durante um período de nove meses. Como referencial teórico, utilizou-se da contribuição de Daniela Melaré Barros. Após definir o que são estilos de aprendizagem, a pesquisadora apresenta dois questionamentos que norteiam o estudo. O primeiro tem como objeto a mediação por meio das tecnologias; o segundo trata da aprendizagem por parte do aluno. Apresentam-se quatro estilos de aprendizagem sobre os quais discorre detalhadamente, sendo: o ativo, o reflexivo, o teórico e o

pragmático. Nesse texto, chama a atenção a transcrição de mensagens virtuais e suas análises. Sem dúvida, traz grande contribuição para compreender a aprendizagem por meio da EAD utilizando o *e-mail* como um dos recursos.

O artigo “Incorporação das TIC na formação de professores: formas e fins”, escrito por Lenice Miranda Alves (UFG), traz à tona a discussão sobre o processo de formação continuada de professores em que, de alguma forma, esteja envolvida a questão do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). A autora apresenta os desafios de incorporar as TIC no processo de formação do professor. Não se trata apenas de uma questão técnica, mas, sobretudo, pedagógica, e alerta para que a escola tenha em mente que as dimensões pedagógicas e tecnológicas se complementam. Baseia-se em Ponte (2000) para apresentar um quadro com um modelo de TIC como ferramentas de trabalho que possam contribuir para com o professor e conclui seu texto ressaltando a importância da formação e da produção de conhecimentos por parte dos professores, como responsáveis por mudanças em sua prática docente.

Margarida Conceição Cunha Santana (UEG) e Eliene Padilha Felipe Victor (FMB) são autoras de “Aprendizagem a distância: comunicação virtual, mediação e interação”, o quinto trabalho desse livro. Apresentam um estudo sobre um projeto na área de Língua Inglesa desenvolvido com alunos de 1º e 2º anos de uma unidade da UEG. Discutem três conceitos fundamentais, que estão presentes no seu título: comunicação, mediação e interação. No decorrer do estudo realizado, um dos pontos culminantes de análise foi o que as autoras chamaram de mediações que se concretizam por meio da comunicação virtual e da interação do sujeito com a imagem na tela. Essa relação sujeito-imagem caracteriza uma nova forma de aprendizagem, discutida ao longo do estudo.

O artigo “Docência *on-line*: possibilidades para a construção colaborativa de um ambiente de aprendizagem”, escrito por Cláudia Helena dos Santos Araújo (IFG/Anápolis) e Joana Peixoto (PUC/Goias), traz a definição de AVA e menciona algumas plataformas – as autoras incluem o Moodle, o TelEduc, o *Second Life*, as redes sociais e o *blog*, sendo esse último o objeto de estudo a partir de uma abordagem histórico-cultural. Nesse sentido, o *blog* é compreendido como um AVA que possibilita a aprendizagem colaborativa. O estudo é feito a partir de uma disciplina de um curso de especialização, sendo essa com carga horária de 30 horas presenciais e 10 a distância. Discutem-se a estrutura do *blog*, as estratégias de mediação, os processos comunicacionais coletivos e individuais. As autoras relatam uma prática desenvolvida no *blog* que proporcionou o diálogo dos cursistas com os autores de alguns textos

postados e discutidos no curso. Um fato que chama a atenção nesse artigo é o seu último parágrafo, em que as autoras fazem quatro questionamentos que, certamente, instigarão os leitores a refletirem e buscarem respostas.

O texto de Elisabete Tomomi Kowata (UEG), “O uso do Moodle pelos professores nos cursos presenciais da UnUCESH/UEG”, é um estudo sobre a plataforma utilizada na referida instituição. A autora traz a definição do que é o Moodle e suas características e apresenta o histórico de sua utilização. Relata como aconteceu a formação dos professores para utilização dessa plataforma que foi inserida nos projetos pedagógicos dos cursos de graduação, possibilitando a oferta de disciplinas semipresenciais. Além de informações detalhadas sobre esse processo, Kowata apresenta dados em forma de tabelas e gráficos que mostram a evolução das disciplinas criadas no Moodle, a frequência de utilização, o tipo de atividade utilizada e os recursos utilizados pelos professores, dentro do período de 2009 a 2011. Reconhece várias dificuldades para se trabalhar com essa plataforma ao mesmo tempo em que a aciona como uma nova dinâmica de ensino-aprendizagem, alertando para a necessidade de explorar suas possibilidades.

“O celular e suas múltiplas potencialidades de expressão e interação em ambientes virtuais de aprendizagem” é o artigo escrito por Livia da Silva Neiva Martin (membro da REPPID). Trata-se de um relato de experiência vivido pela autora a partir do ambiente virtual de aprendizagem Moodle, tanto como cursista quanto como aluna. A autora apresenta cinco questionamentos que norteiam a discussão, baseada principalmente no uso de dispositivos móveis na educação e sua função pedagógica e social. A riqueza tecnológica desses dispositivos é utilizada como argumento para apresentar suas contribuições para ampliar o acesso ao ensino por meio da educação a distância. Sem dúvida, os argumentos apresentados pela autora causam inquietações, uma vez que os celulares já podem ser considerados verdadeiros microcomputadores portáteis, capazes de ampliar o processo de comunicação e a interatividade. O texto provoca o leitor a refletir sobre o uso do celular na educação, extraindo-o de uma relação de empoderamento, mas como aliado no processo pedagógico. Conforme a própria autora afirma, esses estudos são ainda muito recentes, mas certamente já despertam o interesse de pesquisadores de várias áreas do conhecimento.

O nono texto do livro, “Uma experiência de uso do *blog* como ambiente de aprendizagem por professores do Ensino Fundamental”, escrito por Eliane Gonçalves da Costa Anderi (UEG) e Luciana Barbosa Candido Carniello (SEMED), apresenta uma experiência formativa realizada com sete professores da rede municipal de educação de Anápolis. Com carga horária de 96 horas, o objetivo do curso era que os professores compreendessem a

utilização das mídias para enriquecimento das aulas do ensino fundamental. As autoras abordam a utilização do *blog*, por considerar dinâmico e rico para ser explorado em atividades de leitura e escrita com os alunos. Após análise do que aconteceu no *blog*, consideraram como razoável o número de comentários postados e de participação dos alunos. Um dos impedimentos, conforme relatado pelas pesquisadoras, é a falta de acesso a computadores e internet por parte de alguns alunos. O interessante desse texto são as estratégias didáticas apresentadas que podem servir de reflexão para outras práticas em outras escolas e em diversos componentes curriculares.

“O perfil dos acadêmicos do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual de Goiás” é o texto de Moema Gomes Moraes (CEPAE/UFG). Nele, a autora analisa os aspectos educacionais para compreender o perfil dos alunos e a sua relação com as TIC. A nova geração é abordada a partir da contribuição de Prensky (2011), que a denomina como os “Nativos Digitais”. O Curso de Matemática analisado oferta 20% de suas atividades a distância. A pesquisadora utilizou questionários para análise do perfil dos alunos. A coleta e análise dos dados revelaram informações importantes sobre o acesso e uso das TIC por parte dos graduandos. Nessa revelação, dois aspectos indicam desafios que precisam ser superados: o pedagógico e o acesso à tecnologia.

As pesquisadoras Débora Cristina Santos e Silva (MIELT/UEG) e Leda Maria de Barros Guimarães (FAV/UFG) são autoras do último texto do livro: “Autoria, mediação pedagógica e pesquisa em EAD: um relato de experiência”. Trata-se da experiência vivida pelas autoras na oferta de disciplinas a distância em um curso de licenciatura em Artes Visuais. Além disso, falam da estruturação do curso supracitado e das bases filosóficas que nortearam a construção do projeto pedagógico que se deu em 2007. Como experiência, as autoras apresentam a elaboração do material didático do componente curricular de Leitura e Produção de Texto, revelando a autoria na EAD como passo importante na construção de um curso a distância. A fase posterior é a formação de tutores e revisão pedagógica do material. Abordam a docência na EAD e a importância da pesquisa por parte do professor-autor. Outro ponto apresentado é a mediação pedagógica à qual as autoras atribuem grande responsabilidade em se tratando de construção de conhecimento nos AVA. Concluem que a experiência vivida e a pesquisa realizada foram ricas e que possibilitou a aventura em novas práticas em outros níveis de ensino, dentre os quais se inclui um curso de mestrado.

Como se pode observar, o livro é instigante e permite ao leitor navegar pelas suas páginas sem a necessidade de conhecimentos prévios sobre o assunto. Não apela para a obrigatoriedade de sua leitura na íntegra,

uma vez que cada artigo é dotado de autonomia, cabendo ao leitor decidir pelos textos que melhor corresponderem às suas expectativas. De qualquer forma, fica o convite à leitura completa da obra, já que é perceptível o diálogo intrínseco que perpassa por toda ela. Um livro envolvente, cujos artigos que o compõem complementam-se, apresentando um conjunto de reflexões necessárias a todos que têm interesse em compreender a EAD nos dias atuais.

YARA OLIVEIRA E SILVA é especialista em Metodologia do Ensino Superior (FIP) e Gênero e Diversidade na Escola (UFG) e graduada em Pedagogia (Ulbra). Aluna do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagens e Tecnologias (UEG-MIELT). Docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG), unidade universitária de Itumbiara. Técnica pedagógica da Subsecretaria Regional de Educação de Itumbiara.

E-mail: y-yara-1@hotmail.com
